

Contratações devem ter incentivo

RIO — A decisão do governo de promover a retomada do crescimento econômico sem definir mecanismos para combater a inflação é vista com cautela por economistas e empresários. O economista Carlos von Doellinger, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), entende que o governo precisará de dois planos: um para o crescimento econômico e outro para estabilizar a inflação, como foi feito de 1967 a 1973, época do chamado milagre brasileiro. Ele adverte, no entanto, que "somente a retomada do crescimento econômico é incapaz de reduzir a inflação, mesmo porque as me-

didias agora anunciadas significam aumento dos gastos e do déficit público, o que é inflacionário."

Ociosidade — O economista João Saboya, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), está mais otimista. Para ele, como a capacidade ociosa da indústria é grande, a retomada do crescimento, dentro desse limite, empresas, pode até ser anti-inflacionária, se reduzir o custo da unidade produzida. Ele alertou que a médio prazo deve haver investimento em infra-estrutura e definição, por parte do governo, da política a ser seguida e de medidas para assegurar o

crescimento.

Empregos — O presidente do Sindicato de Cooperativas Habitacionais do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon), Jackson Pereira disse que a retomada não será inflacionária, se o governo der incentivos à construção civil, que tem capacidade ociosa e poderá criar muitos empregos. Segundo ele, 40% do custo de uma obra é relativo à mão-de-obra.

Para Antonio Carlos Vidigal, da Coca-Cola, não é possível imaginar o fim da inflação simultaneamente à expansão da economia. "A melhor hipótese é evitar a hiperinflação."